

## UMA ANÁLISE DO TERMO ESPÍRITO (*NOÛS*) NA OBRA DE VIKTOR FRANKL<sup>1</sup>

Larissa de Fátima Nascimento Silva<sup>2</sup>

Monalisa Maria Lauro<sup>3</sup>

### RESUMO:

Este artigo propõe uma análise conceitual do termo espírito (*noûs*) na Logoterapia de Viktor Frankl, que mesmo sendo um conceito primordial no escopo teórico dessa abordagem, ainda pode causar confusão, uma vez que a palavra espírito em português tem conotações de cunho religioso. A abordagem de Frankl reconhece o homem como um ser bio-psico-sócio-espiritual e entende que a camada espiritual é fundamental na compreensão do fenômeno humano. Portanto, o termo espiritual não tem um sentido religioso, mas sim existencial. A partir das obras do próprio autor e também de literatura secundária, foi possível observar que Frankl retira o homem do lugar de ser dirigido para o lugar de ser decididor, que mesmo diante do pior sofrimento ainda é livre para se posicionar. Assim, a partir do referencial teórico da abordagem frankliana, buscou-se oferecer uma compreensão do termo espírito (*noûs*) na Logoterapia, possibilitando uma melhor compreensão da visão antropológica defendida por Frankl.

**Palavras-chave:** Viktor Frankl. Logoterapia. Espírito.

## A CONCEPTUAL ANALYSIS OF THE TERM SPIRIT IN THE WORK OF VIKTOR FRANKL

### ABSTRACT:

This article proposes a conceptual analysis of the term spirit (*noûs*) in the Logotherapy of Viktor Frankl, which even being a primordial concept in the theoretical scope of the approach, can still cause confusion since the word in Portuguese has connotations of religious nature. Frankl's approach recognizes man as a bio-psycho-socio-spiritual being and understands that the spiritual layer is the essence of being. The term does not have a religious sense, but existential. From the works of the author himself and also from secondary literature an analysis of the term showed that when considering the spiritual layer, Frankl removes man from the place of being directed to the place of being decider, which even in the face of the worst suffering is still free to stand. To the spiritual Frankl attributes the ultimate freedom of man. Thus, based on the theoretical framework of Frankl's approach, we seek to offer an understanding of the term spirit (*noûs*) in Logotherapy, enabling a better understanding of the anthropological vision defended by Frankl.

---

<sup>1</sup>Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de pesquisa História da psicologia e seus aspectos filosóficos. Recebido em 20/05/2024 e aprovado, após reformulações, em 20/06/2024.

<sup>2</sup>Discente do curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: larinascimento7@gmail.com.

<sup>3</sup>Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e docente do curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA).

**Keywords:** Viktor Frankl. Logotherapy. Spirit.

## **1 INTRODUÇÃO**

Viktor Emil Frankl (1905-1997) nasceu na cidade de Viena, em uma família de tradição judaica, sendo o caçula de dois irmãos. Formado em medicina, atuou como neuropsiquiatra e professor na Universidade de Viena (Aquino, 2020). Desde muito jovem já se ocupava com a questão do sentido da vida. Foi contemporâneo de Freud e Adler, dos quais acabou divergindo em seu entendimento quanto à visão de homem e à origem das neuroses (Rodrigues; Barros, 2009).

Na Segunda Guerra Mundial, enquanto prisioneiro de quatro campos de concentração – entre eles, Auschwitz e Dachau –, notou que o homem tem capacidade de passar pelo mais intenso sofrimento quando possui uma razão pela qual viver. Como destaca Gomes (1988, p.21), “Frankl percebeu que homem sem uma missão na vida não tem sentido vital, não consegue suportar o sofrimento e, no desespero, encontra sua morte. Esta ideia acabaria sendo o fundamento da Logoterapia”.

A Logoterapia é a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia - precedida pela Psicanálise de Freud e pela Psicologia Individual de Adler. Nessa abordagem, a visão antropológica é acrescida de uma nova dimensão, a dimensão noética/espiritual. Toda sua cadeia de ideias parte do entendimento de que o homem é um ser bio-psico-sócio-espiritual (Santos, 2016). Não por acaso, a própria nomenclatura “Logoterapia” já implica a noção de espírito, conforme coloca o próprio autor: “em conexão com o termo ‘Logoterapia’, ‘logos’ não deve ser entendido somente no significado original de ‘sentido’, mas no de ‘espírito’” (Frankl, 1978, p.31).

No entanto, mesmo sendo um conceito central no pensamento frankliano, trabalhos como o de Pinto (2009), e de Lana, Moreira, Moreira e Rezende Junior (2022), por exemplo, mostram que o sentido do termo espírito (noûs) dentro da abordagem de Frankl ainda não é tão bem compreendido. Por essa razão, o objetivo deste trabalho é analisar o conceito de espírito (noûs) na Logoterapia, destacando sua dimensão antropológica e relacionando-o com os principais pressupostos da abordagem: liberdade da vontade, vontade de sentido e sentido de vida. Espera-se,

com isso, promover uma maior compreensão da especificidade desse conceito na Logoterapia.

Para alcançar o objetivo proposto foi feita uma pesquisa de análise conceitual e uma pesquisa bibliográfica. Para a análise conceitual, foram selecionados alguns textos em que Frankl discute a noção de espírito, entre eles os presentes nas obras: “Fundamentos antropológicos da psicoterapia” (1978); “Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração” (1991); “Análise Existencial: texto de seis décadas” (2012); “O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver” (2015); “Teoria e terapia das neuroses: introdução à logoterapia e à análise existencial” (2016); “Psicoterapia e existencialismo: textos selecionados em logoterapia” (2020); “A vontade de sentido: conferências escolhidas sobre Logoterapia” (2022). Com relação às fontes secundárias, foi feita uma pesquisa bibliográfica nas bases científicas do *Scielo* e *Google Acadêmico*, nas quais foram pesquisados artigos que continham as palavras-chave: “espiritualidade”, “Logoterapia”, “antropologia”, “espírito”, “Psicologia”. Os critérios de inclusão adotados aqui foram: estar em língua portuguesa e ser condizente com o tema da pesquisa.

## **1 ALGUNS CONCEITOS CENTRAIS DA LOGOTERAPIA**

A Logoterapia sustenta-se em três conceitos centrais: liberdade da vontade, vontade de sentido e sentido de vida, que formam “uma cadeia de elos interconectados” (Frankl, 2020, p. 22) e se encontram dentro da dimensão noética ou espiritual (Santos, 2016). Quanto ao primeiro conceito, a liberdade da vontade, a ideia fundamental aqui é que, embora o homem não seja livre de condicionamentos biológicos, psicológicos ou sociológicos, permanece sempre livre para diante desses condicionamentos escolher sua atitude. Dito de outra forma: o homem está sempre além do seu destino, daquilo que é fatal e inevitável, pois ele está sempre livre para se posicionar, ou pelo menos pode estar (Frankl, 2020). Por isso, o autor sustenta que: “à condicionalidade factual do homem se deve contrapor sua incondicionalidade facultativa” (Frankl, 1978, p.70).

Essa liberdade, por sua vez, deve estar sempre acompanhada da responsabilidade, pois, para Frankl, a liberdade sozinha tem o perigo de degenerar-se e transformar-se em mera arbitrariedade (Frankl, 1991). Ou seja, se não há um

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 6, n. 11, p.955-970, jul./dez. 2024 – ISSN 2674-9483**

senso de responsabilidade diante das escolhas, o homem corre o risco de fazer escolhas que prejudiquem a si e aos outros, sendo imprudente ou irresponsável. Por essa razão, liberdade e responsabilidade devem ser consideradas sempre lado a lado. Em síntese, podemos entender que o homem é, em essência, um ser livre - ainda que, como posto acima, esteja diante de condições imutáveis -, e a responsabilidade é precisamente atuar enquanto ser livre, é posicionar-se frente à vida fazendo escolhas e as assumindo (Santos, 2016).

Mas, é preciso tomar consciência dessa responsabilidade e por isso Frankl defende que se confronte o paciente nesses termos. Nas palavras do autor, o papel do logoterapeuta é “acentuar ao máximo a importância da responsabilidade do homem acerca de sua liberdade” (Frankl, 2022a, p. 45), implicando-o e levando-o a responder diante de quem ou pelo que ele se sente responsável (Santos, 2016). Obviamente, cabe ao paciente definir para quais valores concretos ele se volta, e ao terapeuta cabe conduzi-lo à consciência de sua liberdade e responsabilidade, sem jamais impor valores e sentidos – o que tornaria o terapeuta um moralista e antiético (Frankl, 1978).

O segundo pressuposto, a vontade de sentido, equivale à motivação primária do homem pela busca por sentido. Não se trata de uma necessidade, tampouco de um instinto - pois ambas as noções correspondem ao princípio da homeostase, ou seja, à busca de equilíbrio interno, à redução de tensão do organismo, e, em última análise, a uma preocupação do homem consigo mesmo. A orientação ao sentido é aquilo que, para Frankl, enraíza-se mais profundamente no homem, é a sua essência ineliminável, seu interesse primário, que o faz lançar-se para além de si, em direção a algo ou alguém que não ele mesmo (Frankl, 2015a). Em outras palavras, o que o homem realmente busca é uma razão para a sua existência. Em virtude dessa busca, ele se lança ao mundo lá fora. E na medida em que se entrega a uma coisa, à qual ele serve, ou a uma pessoa, à qual ele ama, ele realiza a si mesmo (Frankl, 2012).

É importante citar que em razão dessa busca do sentido existe uma tensão gerada pela lacuna existente entre aquilo que o homem é e aquilo que ele deve tornar-se, ou seja, entre o ser e o sentido. Essa tensão, para Frankl, é necessária e ineliminável, pois leva o homem a se confrontar com o sentido e a exercer a sua responsabilidade. Em outras palavras, leva-o do que ele é (orientado ao sentido) ao que ele deve ser (confrontado com o sentido), fazendo-o adentrar na dimensão

noética/espiritual. Logo, ao logoterapeuta cabe não poupar o paciente desse confronto (Frankl, 2020).

O terceiro pressuposto, o sentido de vida, diz respeito a esse sentido propriamente dito ao qual o homem é orientado. Trata-se de um sentido concreto, que sempre está na vida, na relação com o mundo, e nunca no próprio indivíduo (Andrade, 2017). Não se trata jamais de uma ideia dada ou prescrita, pois não se atribui ou inventa um sentido para uma situação, mas o detecta, e por essa razão Frankl o caracteriza como objetivo. Mas, ao mesmo tempo que carrega essa objetividade, o sentido também é subjetivo enquanto se trata de um sentido único, de uma pessoa única em uma situação específica (Frankl, 2020).

Claro que, ao longo da história, situações similares ocorrem e com elas, sentidos similares podem existir. Esses sentidos recorrentes na sociedade Frankl chamou de valores. Os valores são divididos em três categorias: valores de criação, que correspondem àquilo que se dá ou cria para o mundo; valores de vivência, que são relacionados ao que se experimenta no mundo ou ao encontro com alguém; e valores atitudinais, caracterizados pela atitude frente ao sofrimento inevitável da dor, da culpa e da finitude (Santos, 2016). Em suma, enquanto o sentido constitui a condição de “algo de único e irreprodutível, a ser descoberto oportunamente (...) o valor constitui uma situação típica, recorrente, que caracteriza a condição humana. Em vez de algo absolutamente singular, temos no valor um fenômeno de índole universal” (Frankl, 1978, p. 19).

Pode-se sintetizar o que foi exposto até aqui da seguinte forma: Frankl acrescenta ao entendimento de homem a dimensão noética/espiritual, contemplando uma faceta, que, segundo ele, era ignorada pelas principais forças de pensamento psicológico (Neto, 2013). Nessa dimensão está, portanto, as características exclusivamente humanas, a saber: a possibilidade de posicionar-se diante a vida, a responsabilidade e a preocupação pela busca do sentido último da vida (Santos, 2016). Em outras palavras, isso reflete a concepção antropológica que se estabelece na visão frankliana: ser-eu significa ser-consciente, ser-responsável e ser-transcendente (Frankl, 2019).

## **2 A DIMENSÃO ESPIRITUAL: UMA NOVA CONCEPÇÃO DE HOMEM**

Frankl trabalhou diferentes teses sobre a pessoa. No que se segue são abordadas algumas afirmações pertinentes ao entendimento da sua concepção de espírito. A primeira é a que diz que a pessoa é existencial. Em termos gerais, isso significa que a pessoa é um ser sempre facultativo, possuidor de uma liberdade incondicional. O autor retira o homem do lugar de ser dirigido por impulsos ou forças inconscientes - como o é na Psicanálise, por exemplo - para o lugar de ser decididor (Frankl, 2022b). Isso não significa que ele negue os condicionantes, pois entende que o homem se depara, sim, com condicionantes, sejam os de ordem psíquica (p.ex., instinto e caráter); biológica (p.ex., hereditariedade e corpo) ou sociológica (p.ex., meio ambiente físico e social). Contudo, mesmo que a pessoa não escape do seu destino, isto é, daquilo que há de fatal na vida, esses complexos condicionantes, como Frankl os nomeou, atuam dialeticamente sobre a vontade livre da pessoa, pois é quando se depara com o que não pode mudar, que o homem pode escolher como agir (Pereira, 2015).

A segunda tese afirma que a pessoa é “egóica”. Quando Frankl coloca essa afirmação, está contrapondo-se novamente ao pensamento freudiano, no qual a pessoa é “governada” pela força de instâncias psíquicas não conscientes, sobretudo o Id. Em uma explicação sucinta, para Frankl, o inconsciente - aquilo que não é acessível à consciência - é o ponto de enraizamento do espiritual. Dessa forma, fala-se aqui de uma inconsciência espiritual, bastante diferente da inconsciência instintiva ou pulsional de Freud. E nesse inconsciente espiritual encontra-se também a fé inconsciente e a religiosidade inconsciente, ambas estabelecendo uma “relação inata - e não raro reprimida - com o transcendente (Frankl, 2022b, p.115). Isso, contudo, não quer dizer que a pessoa é arrastada para Deus ou para crer em Deus, pois para que essas tendências inconscientes se expressem, é preciso decidir-se a favor ou contra elas. Em outras palavras, o ego decide acreditar ou não, logo, a pessoa é “egóica” e não “ídica” (Frankl, 2022b).

Outra tese importante é a unidade e totalidade da pessoa. O pensamento frankliano estabelece que o homem não comporta um corpo, uma mente e um espírito; “ele é tudo isto, pelo contrário, unitariamente, mas só o espiritual constitui e garante esta unidade” (Frankl, 1978, p. 123). Uma boa forma de entendermos essa afirmação é analisando as figuras a seguir e depois comparando-as com as representações adotadas por Frankl.

Figura 1: Representação de Hartmann

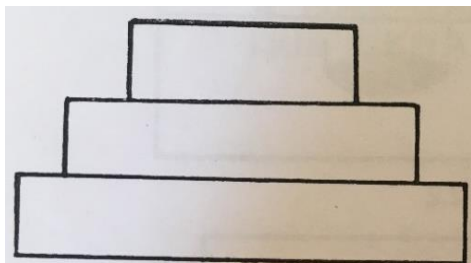
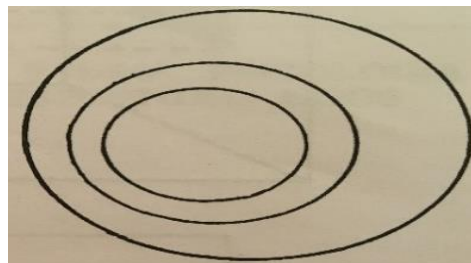


Figura 2: Representação de Scheler

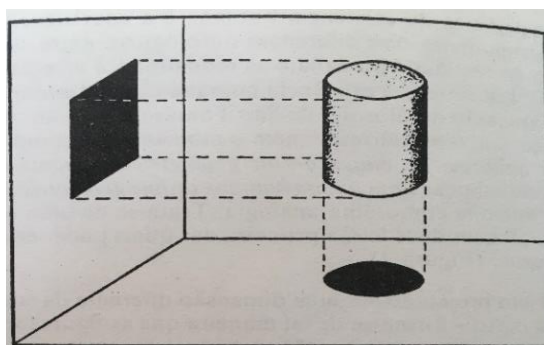


Fonte: Pareja Herrera, 1984, p.159 *apud* Xausa, 1988, p. 119

As figuras 1 e 2 ilustram as ideias ontológicas de Hartmann e antropológicas de Max Scheler respectivamente, nas quais Frankl inspirou-se. Em uma descrição breve é possível entender assim: Hartmann entende que as três dimensões do homem - corporal, mental (psíquica) e espiritual (noos) - estão dispostas hierarquicamente, sendo que no topo está a espiritual (figura 1). Em uma discussão ontológica dimensional, dizer que uma dimensão é superior a outra significa dizer que ela abarca as dimensões inferiores a ela. Esse pensamento, no entanto, como coloca Xausa (1988), pode conduzir a um entendimento fragmentário do homem. Em contrapartida, Scheler elabora a concepção de que estas dimensões se situam ao redor de um núcleo: o espiritual (figura 2) (Xausa, 1988).

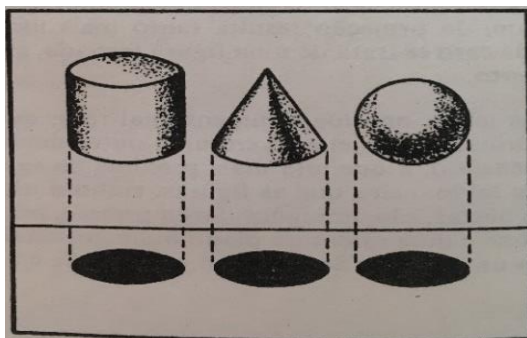
Frankl reconheceu essas diferenciações dimensionais, mas sempre com uma preocupação: que o entendimento do homem não fique reduzido a uma camada ou outra (Xausa, 1988). Vejamos as figuras que ele utiliza em sua argumentação:

Figura 3: Representação bidimensional contraditória



Fonte: Frankl, 1978, p. 140

Figura 4: Representação bidimensional ambígua



Fonte: Frankl, 1978, p. 140

Em síntese, sua representação mostra que, assim como uma tentativa de projetar figuras tridimensionais em planos bidimensionais resulta em sombras contraditórias (fig.3) ou ambíguas (fig.4), o mesmo acontece quando o homem é reduzido em uma única dimensão e projetado no plano biológico, produzindo fenômenos somáticos, ou no plano psicológico, entendido apenas como resultado de processos psíquicos. Bem como é representado na figura 3, as sombras se contradizem mesmo tendo origem no mesmo objeto, e na projeção da dimensão existencial humana as visões unilaterais (biológicas, psicológicas) do homem se integram na dimensão espiritual (fig.4). Isso não significa que as investigações unilaterais devam ser menosprezadas, apenas que se deve ter consciência dos seus limites (Frankl, 1978).

Outra tese proposta por Frankl é a de que a pessoa é dinâmica. Considerando que “o que [o homem] ‘tem’ perante si próprio é corpo e alma; o que ‘está’ perante o corpo e alma é o espírito” (Frankl, 1978, p.123), fica mais fácil compreender tal dinamismo. É confrontando-se consigo mesmo que ele fica claro. Nas palavras do autor, “é sobretudo esse distanciamento de si, na qualidade de organismo psicofísico, o que constitui primeiramente a pessoa espiritual como tal, como espírito” (Frankl, 2022b, p. 116). Somente nesse confronto consigo mesmo é que a separação entre o espiritual e o corpóreo-psíquico se evidencia.

Um outro aspecto da natureza humana que Frankl destaca é o de que o animal não é uma pessoa. Para o autor, enquanto o homem possui instintos, o animal é seus instintos. Ao homem sempre existe a possibilidade de, em razão de sua natureza espiritual, sobrepor-se à sua instintividade. Ou seja, o animal é limitado ao seu



ambiente, sem capacidade de acessar o mundo mais amplo do homem, muito menos de refletir sobre a razão das coisas ou sobre o sentido da própria existência. Já no homem, a instintividade existe dialeticamente com sua liberdade espiritual (Pereira, 2015). Logo, segundo Frankl (2022b), o autodistanciamento é exclusivo ao homem.

Em mais uma tese, Frankl coloca que pessoa só se compreende a partir da transcendência. Para ele, a natureza do homem o leva a dirigir-se para algo ou alguém que não ele mesmo (Frankl, 1978). E na medida em que atende a esse chamado à transcendência, torna-se mais humano, uma vez que a essência de sua existência não está em si mesmo, mas ao abrir-se ao mundo (Santos, 2016).

Diante do exposto até aqui, pode-se observar as principais características que Frankl identifica como parte da dimensão humana do espiritual ou noético. Com isso em mente, agora vamos refletir um pouco mais sobre essa dimensão noética na Logoterapia.

### **3 O ESPÍRITO (NOÛS)**

Como ponto de partida, é preciso ter em mente que a categoria “espírito”, na concepção frankliana, nada tem a ver com o entendimento desse termo nas acepções de cunho religioso. Como bem esclarece Pereira (2015), em nota de tradução, no vocábulo alemão, há o termo *geistig*, que indica a dimensão humana e o termo *geistlich*, que indica a dimensão religiosa. No entanto, em português não há essa distinção, e o termo “espiritual” é carregado de conotações religiosas. Para evitar uma confusão conceitual, Frankl cria o termo “noológico” para falar da dimensão humana (Frankl, 2020), e começa a usar esse termo (e suas variações “noológica” ou “noética”), que deriva do grego “*noûs*”, para se referir ao conceito de “espírito” adotado em sua abordagem (Pereira, 2015).

Um primeiro aspecto crucial do conceito espiritual é a sua capacidade primitiva de ser “em” outro entre (Frankl, 1978, p.94). “Em”, no entanto, não no sentido espacial, mas sim “real”. Segundo o autor, o espírito “está” “em” tudo o que ele eventualmente pensa e “toca”, mas sempre essencialmente alheio à dimensão espacial (Frankl, 1978, p. 93). Dizendo de outra forma, há uma capacidade espiritual de transcender limitações do espaço físico que possibilita uma conexão profunda e emocional de um ser humano com outro ser humano. Por exemplo, Frankl afirma que ao pensar em sua

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 6, n. 11, p.955-970, jul./dez. 2024 – ISSN 2674-9483**

irmã, que mora na Austrália, ele está “em espírito” nela, ou seja, está conectado a ela em pensamento - fisicamente ele não está “na” Austrália com a irmã, mas em espírito pode-se dizer que está (Frankl, 1978).

Nesse sentido, uma ideia de espírito dentro de, ou fora de um corpo é equivocada, na ótica frankliana, na medida em que “dentro” e “fora” dizem respeito a uma espacialização que não cabe ao ente espiritual. Por outro lado, é plausível se esses termos forem concebidos apenas “[...] imagisticamente, alegoricamente, e que tenhamos consciência desse uso” (Frankl, 1978, p. 94), porque de fato, para Frankl, o espírito “[...] está tanto dentro como fora do corpo; “fora”, no exterior, no ambiente exterior, numa palavra: o espírito está (‘é’) nas coisas” (Frankl, 1978, p. 94).

O “Ser em” outro ente é o que o caracteriza o ser espiritual como um ente intencional, ou seja, direcionado para além de si mesmo. Nas palavras do próprio Frankl (1978, p. 97):

[...] o ente espiritual é ente *espiritual*, é ser-consciente, é “em si”, na medida em que “é” (está) em outro ente, na medida em que “tem” consciência de outro ente. Assim se realiza o ente espiritual em “ser em”, e este “ser em” do ente espiritual é a sua possibilidade intrínseca mais antiga, logo a sua capacidade primitiva própria.

Em outras palavras, essa capacidade primordial do espírito (*noûs*) “ser em” outro ente, ou seja, sua intencionalidade, sua abertura para o mundo, constitui e faz do homem um ser capaz de transcender a si próprio, isto é, capaz de se conectar com algo além dele mesmo, de transcender suas próprias limitações e de encontrar sentido em algo fora de si. É precisamente nesse contexto que Frankl (1978, p. 11) afirma que “O homem, de fato, está sempre orientado para algo que o transcende [...] de uma maneira ou outra, sua natureza o leva a se ultrapassar”.

Outro aspecto importante é que a existência espiritual nunca é transferível. De acordo com Frankl, apenas características psicofísicas podem ser herdadas, jamais a existência espiritual. Vejamos o que ele diz: “[...] em cada ser humano que vem ao mundo é posto um *novum* absoluto, trazido para a realidade, pois a existência espiritual é intransmissível, não hereditária” (Frankl, 1978, p. 126). Ou seja, os pais concedem herança biológica e psíquica, mas a essência mais profunda do ser é sempre uma possibilidade livre. É nesse sentido que o autor afirma que todo filho é “carne da carne” de seus pais, não “espírito de seu espírito” (1978, p. 130).

No entanto, Frankl admite não saber de onde a dimensão espiritual vem. Acredita que de algum modo ele adentra o corpóreo-psíquico. Em suas palavras:

O espiritual deve [...] entrar primeiro, de algum modo, no corpo-alma mas, tão logo isto acontece, ele é envolvido pelo silêncio, o espírito pessoal se oculta no silêncio, e assim permanece à espera do momento em que possa manifestar-se, romper o “invólucro” do psicofísico, as camadas de psicofísico que o cobrem. Espera, ainda, até poder anunciar-se, até poder mostrar-se no organismo psicofísico como órgão de tal manifestação. Espera ainda... até o dia em que domina a tal ponto o organismo que pode fazer dele o seu campo de expressão (Frankl, 1978, p.130).

Essa afirmação de Frankl nos leva a compreender melhor uma afirmação anterior, a saber, o pressuposto de que a pessoa espiritual brota no inconsciente – que não é o inconsciente instintivo da abordagem psicodinâmica, como bem afirma Xausa (1988, p. 126):

A logoterapia reconhece [...] um inconsciente espiritual, além do inconsciente instintivo, que não se confunde com o intelectual e o racional; é uma espiritualidade inconsciente caracterizada pela ausência da autoconsciência reflexiva, é irreflexiva, isto é, tem uma compreensão imediata de si mesma.

Então, trata-se de um inconsciente espiritual, que é mais profundo e mais alto que o inconsciente instintivo ou pulsional. Mais profundo porque não é suscetível à análise, mas apenas experienciado vivencialmente. Também é mais profundo porque é irreflexível, logo, inconsciente. Por fim, é mais alto porque é a camada que abarca as demais camadas do ser.

### 3.1 O ESPÍRITO (NOÛS) FACE AO ADOECIMENTO

Como último aspecto da análise aqui proposta, resta mencionar a perspectiva frankliana sobre o adoecimento. Aqui, é importante lembrar que na Logoterapia o homem é uma unidade e uma totalidade ao mesmo tempo. Em outras palavras, a unidade não se dá pelo fato de que o homem é composto de cada uma das camadas – corpórea, psíquica e espiritual -, mas, ao contrário, pelo fato de que o homem é tudo isto unitariamente. Portanto, a noção de unidade vem do entendimento de que o espiritual pode confrontar o corporal e o psíquico, e de que “o homem, como espírito,

se coloca sempre frente a si próprio como corpo e alma” (Frankl, 1978, p. 123). É somente nesse sentido de dinamicidade da pessoa que Frankl adota o conceito de separação e individualização.

Junto a isso, cabe também reforçar que “o homem é incondicionado somente na medida em que ele é espírito; no entanto, como homem pura e simplesmente é, e permanece, condicionado” (Frankl, 1978, p.123). Assim, os condicionantes corpóreos e psíquicos, bem como os sociais, permanecem, mas a dimensão espiritual confronta-se ou depara-se com eles, sempre com uma possibilidade de atitude e escolha.

Essa oposição só é possível porque “a relação entre a pessoa espiritual e o organismo somático é instrumental [...] a pessoa espiritual comporta-se, em relação ao seu organismo, de modo análogo ao músico em relação ao seu instrumento” (Frankl, 1978, p. 117). Sendo assim, na ótica frankliana, seja uma doença ou um tratamento, ambos atuam apenas no instrumento, nunca alcançando a pessoa espiritual. Mesmo em casos, como na psicose, a pessoa espiritual, segundo o autor, permanece íntegra - emparedada pela condição do psicofísico adoecido, porém íntegra.

Nesse sentido, Frankl (1978, p. 120) defende um olhar voltado a essa integridade incorruptível da dimensão espiritual, ao afirmar que:

A pessoa espiritual deixa-se perturbar, mas não destruir por enfermidade psicofísica. O que uma doença pode destruir, o que ela é capaz de desorganizar, é apenas o organismo psicofísico. O organismo representa, todavia, tanto o campo de ação da pessoa, como o seu campo de expressão. A desorganização do organismo não significa nem menos nem mais do que a obstrução do acesso à pessoa. Este deveria ser o nosso credo psiquiátrico: crença absoluta no espírito pessoal, crença “cega” na pessoa espiritual “invisível”, mas indestrutível [...].

Portanto, a visão da Logoterapia diante das patologias se dirige sempre para essa lógica da dignidade homem, mesmo quando ele encontra-se adoecido. Diz Frankl (1978, p. 121) que “[...] o homem se mostra – no quadro do espaço livre para as atitudes espirituais – como incondicionado, pelo menos segundo as possibilidades. O homem é condicionado factualmente, incondicionado facultativamente”. O pensamento frankliano é sempre, conforme aponta Xausa (1988, p. 131), o de que “a pessoa tem uma doença, não: é doente”.

É importante destacar também que, para Frankl, um fator fundamental envolvido na atitude do homem diante do sofrimento é a sua capacidade de realizar

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 6, n. 11, p.955-970, jul./dez. 2024 – ISSN 2674-9483**

valores de atitude. Xausa (1988, p. 163) descreve os valores de atitude como “[...] aqueles que surgem quando fatos irreparáveis e irreversíveis acontecem acima da capacidade humana de superá-los”. Estes fatos irreparáveis estão dentro do que na Logoterapia é chamado de tríade trágica do ser humano - composta pela dor, pela culpa e pela morte (Santos, 2016).

Frankl defende que a vida nunca cessa de ter significado. O autor acredita que se a vida tem sentido, o sofrimento, que é inerente ao homem, também tem (Santos, 2016). Acredita ainda que, é diante do sofrimento inevitável que o homem tem a possibilidade de realizar o mais alto valor e o mais profundo sentido (Frankl, 2015b). Em suas palavras: “o sentido pode ser arrancado mesmo ao sofrimento; e isso significa, por sua vez, que o sentido potencial da vida é um sentido incondicionado” (Frankl, 2012, p. 286). Este sentido incondicional Frankl chamou de suprasentido, ou seja, é o sentido que nem mesmo a tríade trágica tira sua validade, é o sentido que nunca deixa de estar presente e compreendê-lo excede a capacidade racional do homem. Por essa razão, a fé e o amor são os principais meios de compreendê-lo. (Santos, 2016).

Enfim, o logoterapeuta sempre levará em conta essa capacidade de realização do valor de atitude, essa possibilidade de realizar um sentido, apesar do sofrimento ou por meio dele. Dizendo de outra maneira, a lógica, que permeia a atitude do logoterapeuta diante de um paciente que se encontra em uma situação de sofrimento inevitável, é a de que ao orientar esse paciente ao encontro de um sentido último para o seu sofrimento, sua atitude pode mudar, tornando-o mais forte perante a situação. Ao encontrar um propósito, o homem pode enfrentar com mais dignidade e força esse destino que lhe escapa das mãos.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao integrar o espiritual na sua visão antropológica, a Logoterapia ressalta aspectos do homem que implicam em uma visão mais libertadora do mesmo, já que questiona qualquer ideia de homem totalmente condicionado ou fadado ao destino. Portanto, o conceito de espírito enriquece a maneira de enxergar o ser humano, de um modo distinto do que vemos nas concepções religiosas. Esse conceito não faz referência a algo abstrato, mas, pelo contrário, está voltado à concretude da vida, **CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 6, n. 11, p.955-970, jul./dez. 2024 – ISSN 2674-9483**

representando aquelas capacidades mais intrínsecas do ser humano. Esse olhar frankliano parece proporcionar uma visão mais otimista do homem, uma vez que enxerga sua dignidade e força, mesmo nas piores situações.

No âmbito da psicoterapia, isto implica reconhecer e valorizar a dimensão espiritual do ser humano ao longo do processo terapêutico, sem, contudo, negligenciar os aspectos condicionantes da vida humana. Espera-se que com este estudo tenha ficado clara a concepção de homem presente na Logoterapia, a qual promove maior resiliência ao paciente e lhe concede maior autonomia em suas escolhas e decisões, mesmo entre aquele que enfrenta situações de maior sofrimento. Além disso, espera-se que a discussão desenvolvida tenha mostrado que na psicoterapia aparecem demandas que provém de angústias e questionamentos puramente existenciais, sem enxergá-las, necessariamente, como algo patológico. Cabe mencionar, por fim, que este estudo teve suas limitações, pois não foram exploradas todas as obras do autor. No entanto, busca ser uma porta de entrada para os estudos da abordagem frankliana e para o entendimento da concepção da pessoa espiritual dentro do escopo teórico de sua abordagem.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Cristiano de Jesus. Viktor Frankl: o sentido da Logoterapia e sua atualidade contextual. **Psicólogo inFormação**, v. 21, n. 21-22, p. 99-114, jan./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.15603/2176-0969/pi.v21n21-22p99-114>. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/PINFOR/article/view/9178>. Acesso em: 9 mar. 2024.
- AQUINO, Thiago A. A. Viktor Frankl: para além de suas memórias. **Revista de Abordagem Gestáltica**, v.26, n.2, p.232-240, maio/ago. 2020. DOI: 10.18065/2020v26n2.10. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v26n2/v26n2a11.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2024.
- FRANKL, Viktor Emil. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. São Leopoldo: Sinodal, 1991.
- FRANKL, Viktor Emil. O homem na busca por um sentido derradeiro. In: FRANKL, Viktor. **Logoterapia e Análise Existencial**: textos de seis décadas. Rio de Janeiro: Editora Forense LTDA, 2012. p. 279-302.

FRANKL, Viktor Emil. A vontade de sentido. *In*: FRANKL, Viktor. **O sofrimento de uma vida sem sentido**: caminhos para encontrar a razão de viver. São Paulo: É Realizações, 2015a. p. 65-68.

FRANKL, Viktor Emil. O sentido do sofrimento. *In*: FRANKL, Viktor. **O sofrimento de uma vida sem sentido**: caminhos para encontrar a razão de viver. São Paulo: É Realizações, 2015b. p. 73-77.

FRANKL, Viktor Emil. Os fundamentos filosóficos da Logoterapia. *In*: FRANKL, Viktor. **Psicoterapia e existencialismo**: textos selecionados em logoterapia. São Paulo: É Realizações, 2020. p. 21-37.

FRANKL, Viktor Emil. A pergunta quanto ao sentido da existência. *In*: FRANKL, Viktor. **A vontade de sentido**: conferências escolhidas sobre Logoterapia. São Paulo: Auster, 2022a. p. 41-48.

FRANKL, Viktor Emil. Dez teses sobre a pessoa. *In*: FRANKL, Viktor. **A vontade de sentido**: conferências escolhidas sobre Logoterapia. São Paulo: Auster, 2022b. p. 109-118.

GOMES, José Carlos V. **A Prática da psicoterapia existencial**. Rio de Janeiro: Vozes Ltda, 1988.

LANA, Vitor Célio Souza; MOREIRA, Francielle Láilla; MOREIRA, Eric Martins; REZENDE JUNIOR, Alex Roberto Nogueira de. Relação ética entre a psicologia clínica e religião: reflexões guiadas pelo enfoque da logoterapia e análise existencial. **Revista da Abordagem Gestalt**, Goiânia, v. 28, n. 1, p. 53-59, abr. 2022. DOI: 10.18065/2022v28n1.5. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v28n1/v28n1a06.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2024.

NETO, Valdir Barbosa Lima. A espiritualidade em logoterapia e análise existencial: o espírito em uma perspectiva fenomenológica e existencial. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 19, n. 2, p. 220-229, jul. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v19n2/v19n2a10.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2023.

PEREIRA, Ivo Studart. Espírito e liberdade na obra de Viktor Frankl. **Psicologia USP**, v. 26, n. 3, p. 390-396, set. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-656420140036>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/y9FWQnRVFQzWvMCSy7NzFP/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 11 abr. 2024.

PINTO, Ênio Brito. Espiritualidade e religiosidade: Articulações. **REVER-Revista de Estudos da Religião**. São Paulo, v.4, p. 68-83, dez. 2009. Disponível em: [https://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2009/t\\_brito.pdf](https://www.pucsp.br/rever/rv4_2009/t_brito.pdf). Acesso em: 4 jun. 2024.

RODRIGUES, Larissa Assunção; BARROS, Lúcio Alves de. Sobre o fundador da logoterapia: Viktor Emil Frankl e sua contribuição à psicologia. **Revista Estudos – Vida e Saúde (Ciências Ambientais e Saúde)**. Goiânia, v. 36, n.1/2, p. 11-31, jan./fev. 2009. DOI: <https://doi.org/10.18224/est.v36i1.1016>. Disponível em: [//seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/view/1016](http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/view/1016). Acesso em: 9 mar. 2024.

SANTOS, David Moises Barreto dos. Logoterapia: compreendendo a teoria através de mapa de conceitos. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v.68, n.2, p. 128-142, ago. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v68n2/v68n2a11.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2024.

XAUSA, Izar Aparecida de Moraes. **A Psicologia do sentido da vida**. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.